

QUEM NÃO SONHOU EM SER UM JOGADOR DE FUTEBOL?: apontamentos sobre a formação de futebolistas na perspectiva de treinadores de categorias de base

Osmar Moreira de Souza Júnior / UFSCar

Bruno Martins Ferreira / UFSCar

João Batista Coutinho Netto / UFSCar

e-mail: osmar@ufscar.br

- **Palavras-chave:** *Futebol, Categorias de base, Formação.*

INTRODUÇÃO

A proposta da presente pesquisa surge de inquietações sobre a formação de futebolistas, com atenção especial aos investimentos mobilizados sobretudo pelas famílias de baixa renda, no sentido de alcançar a ascensão social por meio do ingresso dos filhos em uma carreira futebolística. Tais investimentos são alimentados pelo imaginário coletivo, que institui a ideia de que os profissionais de futebol acumulam fortunas às custas apenas de um suposto talento ou dom (GIGLIO et al. 2008) que acreditam ter recebido como uma dádiva divina.

Essa “ideologia do dom” mascara uma série de mazelas que permeiam a carreira dos futebolistas, na medida em que os meios de comunicação

contribuem para a legitimação de uma compreensão glamorosa da profissão, repercutindo quase que exclusivamente as histórias de jogadores bem sucedidos, provenientes das classes subalternas, que conseguiram vencer na vida e proporcionar uma condição de conforto (alicerçada pela lógica do consumo) aos seus familiares.

Damo (2007) revela o equívoco contumaz de tal perspectiva, na medida em que a profissão exige altos investimentos em termos de tempo para a formação de um futebolista, algo que segundo o autor corresponderia a um curso superior, ou aproximadamente 5000 horas distribuídos ao longo dos 10 anos de treinamento que corresponderiam ao período de formação ou categorias de base pelos quais os atletas de uma forma geral precisam se submeter para ingressar na carreira futebolística.

O autor revela ainda a face oculta da profissão, que corresponde a uma série de percalços que permeiam a carreira dos futebolistas, tais como as carreiras curtas, o auge precoce, a difícil reconversão, as restrições do mercado laboral e as discrepâncias salariais.

Paulo André, jogador que atualmente defende o Corinthians, apresenta em seu livro “O jogo da minha vida: histórias e reflexões de um atleta”, um relato fiel sobre os dramas da profissão de futebolista:

À medida que subíamos de categoria [...] muitos colegas ficavam para trás [...].

Essas questões me faziam questionar o sistema, a real necessidade de ser dessa maneira. Eu pensava muito sobre o valor das escolhas e das prioridades que havíamos assumido tão cedo. Pergunto-me até hoje por que eu e tantos outros tivemos de passar tanto tempo ali dentro, alojados, concentrados? Por que treinar em dois períodos nessa idade, tão jovens? Será que o corpo não pagará caro por isso na fase adulta? **Por que se especializar tão cedo em uma área e deixar todo o resto de lado? Na minha cabeça, éramos tratados como cavalos que comem e descansam bem para depois correr.**

E qual era a garantia de que aquilo daria certo? Praticamente nenhuma, porque dos que conheci, quase ninguém conseguiu se tornar um profissional de sucesso. A maioria ficou pelo caminho sem saber que rumo tomar na vida, porque não fazíamos mais nada além de jogar futebol.

Até hoje penso no que deixamos de viver e aprender nesse período. (PAULO ANDRÉ, 2012, p. 35-36, grifos nossos).

O relato de Paulo André explicita uma série de aspectos que circunscrevem a formação dos futebolistas, evidenciando os conflitos e dilemas enfrentados por aqueles que investem todas as esperanças de um futuro promissor em apenas uma forma de atuação no mercado, que conforme já analisamos configura-se em uma empreitada que envolve altos riscos e – como alerta Paulo André – praticamente nenhuma garantia.

Damo (2007) reconhece que apesar dos riscos, a carreira exerce um fascínio nos jovens, fazendo-os minimizar, ou mesmo ignorar tais restrições, investindo toda a energia característica da idade, pelo fato de se reconhecerem como *pop stars* em potencial, sendo exceções aqueles que conseguem ter discernimento para não se deixar levar pelas promessas fugazes que raramente se confirmam.

É nesse sentido que o presente estudo faz parte de um projeto maior que pretende analisar o processo de formação de futebolistas em um clube de futebol do interior do estado de São Paulo. Nessa pesquisa mais especificamente, o objetivo consiste em analisar as impressões gerais dos treinadores das categorias de base do clube a respeito do processo de formação dos futebolistas.

MÉTODOS

Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa de enfoque qualitativo (BOGDAN; BIKLEN, 1994), tendo por base entrevistas semiestruturadas (NEGRI-NE, 2004) com dois treinadores das categorias sub-10, sub-12 e sub-17 do clube. Os resultados foram analisados a partir das categorias (GOMES, 1994) centradas na perspectiva do treinador sobre suas concepções, a política de formação do clube e as expectativas dos jovens futebolistas.

Os cuidados éticos foram tomados por meio da apresentação de uma carta de apresentação da pesquisa ao clube e de termos de consentimento livre e esclarecido aos treinadores entrevistados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O treinador, o clube, o sonho

Com base na primeira aproximação realizada com o clube pesquisado, a partir das primeiras visitas dos pesquisadores, da análise das informações

disponibilizadas no *website* do clube e principalmente das narrativas de dois de seus treinadores das categorias de base, que em nosso estudo serão chamados de Xandinho e Dudu, foi possível identificar de forma preliminar alguns aspectos que perpassam o processo de formação dos futebolistas nesse clube.

No tocante ao projeto apresentado pelo clube em seu *website*, chamamos a atenção a ênfase em um compromisso com a formação votada para a cidadania. Já ao anunciar a visão instituída pelo clube, o texto afirma de forma categórica que a mesma consiste em “CONTRIBUIR PARA A FORMAÇÃO DO CIDADÃO”. Visão esta, que estaria articulada à missão do clube que sustenta-se no propósito de: “Tornar-se um Centro de Excelência para o desenvolvimento do aluno para a vida, tendo a prática do futebol como motivador principal”. Complementando essa máxima, o clube ainda traz como lema: “BOM NA ESCOLA BOM DE BOLA”, destacando que os valores humanos transmitidos aos seus alunos fizeram de muitos deles “cidadãos exemplares”.

Por fim, destacamos que, em sintonia com a perspectiva assumida, o clube revela como um de seus objetivos, proporcionar aos jovens “a motivação necessária para que possam desenvolver sua intelectualidade, valorizando a vida escolar; o desenvolvimento de habilidades como a autodisciplina, a persistência, a consistência, a flexibilidade, a adaptabilidade, a liderança e a pró-atividade; a prática de valores como educação, respeito, amizade e humildade, conduzindo-os assim num caminho para a evolução contínua do ser humano”. Com o propósito de concretizar tais objetivos, o clube apresenta ainda a finalidade de instituir e manter escola de ensino fundamental e médio aos seus atletas.

O discurso dos treinadores entrevistados corrobora a política sustentada na proposta do clube, conforme podemos evidenciar pelas falas de Xandinho e Dudu:

“Assim, acredito que a nossa contribuição para a formação dos garotos é grande viu, uma que eles sempre vão se espelhar em nós professores né, o que a gente faz aqui, o que a gente passa fora, contando nossas experiências acaba levando, eles acabam levando isso para frente também” [...] “Aqui na parte da escolinha todo bimestre a gente cobra o boletim das crianças para ver se estão indo bem, se estão indo para a escola, se estão indo bem nas notas também, não é só com o futebol” (XANDINHO).

“A eu acredito que... o meu principal objetivo... a gente tem que colocar em primeiro a formação do homem né. É o caráter do ser humano. De repente não deu certo no futebol o menino vai sair daqui numa situação

de ter caráter e ser alguém na vida, mas a gente procura também dar todo o suporte porque é o sonho. A gente trabalha com o sonho desses meninos, em ser um jogador profissional, atingir o sucesso profissional jogando em auto nível né, então a gente procura dar esse suporte para os atletas” [...] “Com certeza, principalmente da minha parte, eu sou um cara que... a gente cobra muito, não só da minha parte, mas os outros professores a questão do estudo, porque a gente sabe que o futebol é meio complicado né, as vezes de 20 é um que consegue o sucesso, então a gente procura também dar um apoio um suporte para os meninos na parte de estudos” (DUDU).

A partir dos discursos dos treinadores podemos evidenciar que o compromisso com uma formação dos atletas voltada para a cidadania, coerente com a proposta política assumida pelo clube se faz presente. A preocupação com questões relacionadas aos valores morais fica evidente quando Dudu lança mão de termos como “ter caráter” ou “formação do homem”. Tal preocupação vincula-se à compreensão dos treinadores quanto aos riscos da carreira futebolística ou mesmo da não efetivação dessa carreira, conforme fala Dudu. Assim, a escola acaba assumindo para os treinadores um papel fundamental na vida dos jovens atletas, merecendo um acompanhamento mais próximo em relação ao desempenho escolar em forma de cobrança e de suporte, conforme apontam os treinadores.

Contudo, Dudu assume que não se pode perder de vista que o trabalho nas categorias de base envolve a dimensão do sonho dos meninos em se tornarem jogadores profissionais e, nesse sentido, o treinador afirma que existe também um compromisso com esse viés. Tal dimensão fica evidente quando os treinadores discorrem sobre a motivação que mobiliza os meninos que frequentam o centro de treinamentos do clube.

“Então a gente sempre conversa, eu sou um cara que dou liberdade para os meus atletas se expressarem, conversarem. Eles vêm com o sonho de ser jogador né, então às vezes muito deles não têm uma condição favorável dentro de casa, então eles procuram o meio do esporte para poder ter uma situação de ajudar em casa, acho que é o maior objetivo deles” (XANDINHO).

“Eles vêm pra cá pra tentar atingir o sonho, pra poder ajudar o pai, porque têm um investimento do pai também e o clube também dá essa liberdade para o jogador vir aqui buscar. A gente dá todo o suporte pra que eles possam ter o sonho deles, então acho que o maior objetivo que

eles vêm trabalhar é sempre em ser jogador de futebol em poder um dia ajudar a família” (DUDU).

A percepção de ambos os treinadores em relação às expectativas dos jovens e de seus familiares quanto à concretização de um sonho de ascensão social a partir de uma carreira profissional no futebol é condizente com os investimentos evidenciados por Rial (2008) de um projeto familiar que visa contemplar um dos filhos como futuro jogador de futebol.

CONCLUSÃO

A partir dos resultados proporcionados pelas análises do conteúdo das narrativas dos treinadores e da perspectiva evidenciada pela política de gestão do clube apresentada em seu *website*, é possível afirmarmos que ao menos no nível do discurso existe uma preocupação com a formação dos jovens que freqüentam aquele centro de treinamentos, que transcendem a dimensão da formação de atletas para o rendimento esportivo, embora não desconsidere esse viés.

No entanto, é preciso relativizar tais resultados, na medida em que trata-se de uma imersão preliminar no campo de pesquisa, que desconsidera aspectos fundamentais para uma interpretação mais fidedigna das representações que se articulam com o processo de formação de futebolistas. Tais análises exigem a realização de estudos longitudinais no clube, pesquisas essas que pretendemos empreender a partir de um estudo etnográfico, compreendendo as observações de campo, análises de documentos e entrevistas e grupos focais com diferentes personagens que protagonizam tal cenário, como os jovens postulantes à carreira futebolística, futebolistas em início, meio e final de carreira, outros treinadores, gestores e familiares e amigos dos atletas.

De acordo com Damo (2007), não se pode dizer que os clubes não têm preocupação alguma com a formação complementar dos atletas, contudo é preciso fazer uma análise mais aprofundada em relação aos pressupostos dessas propostas de formação, na medida em que tal empreendimento pode simplesmente assumir um caráter utilitarista na tentativa de agregar valor aos jogadores, tratados pelos clubes como mercadorias, como o caso de clubes que fornecem aulas de outros idiomas para seus atletas, com a finalidade de

ampliar suas chances de inserção em mercados internacionais. Assim, acreditamos ser fundamental a ampliação do presente estudo, por meio de um projeto de pesquisa longitudinal que possibilite uma interpretação mais apurada sobre aspectos como as exigências de boas notas, o suporte para o progresso escolar, o incentivo para que os alunos realizem seus sonhos, a instituição de programas escolares vinculados ao clube etc., acompanhando *in loco* a efetivação de tais ações e dando voz a seus distintos protagonistas.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R. C., BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

GIGLIO, S. S., MORATO, M. P., STUCCHI, S., ALMEIDA, J. J. G. O dom de jogar bola. **Horizontes Antropológicos**, ano 14, n. 30, p. 67-84, 2008.

GOMES, R. **A análise dos dados em pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, Maria, C. de S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 67-80.

NEGRINE, A. S. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. (Org.). **A pesquisa Qualitativa na Educação Física**: alternativas metodológicas. 2ª ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2004, p. 61-93.

PAULO ANDRÉ. **O jogo da minha vida**: histórias e reflexões de um atleta. São Paulo: LeYa, 2012.

RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, ano 14, n. 30, p. 21-65, 2008.